



Melquíades Júnior
Jornalista

// Antônio Melquíades Júnior

Sobre a singeleza do abraço: quando a expressão da humildade revela o respeito pelo semelhante

Reconhece-se a grandeza de um espírito pela simplicidade da presença que ostenta, a singeleza dos gestos a definir o caráter. Revela-se, ao pedido de cada abraço, humildade. Não se trata de compadecimento, não se oferece consolo. É manifestação verdadeira de respeito ao ser humano, o qual desnuda a própria alma diante do jovem jornalista, disposto a penetrar na vida de pessoas despercebidas. Ao encontrar-se no íntimo individual, Antônio Melquíades Júnior sensibiliza-se. Pelas histórias, dá-se conta da condição vergonhosamente vulnerável. A consciência o guia: as personagens são pessoas cujas existências estão além das efêmeras páginas do jornal. São retratadas às vistas do olhar sensível. Porque se assemelham a ele, à mãe e às irmãs.

De tal modo, o rapaz de Limoeiro do Norte, interior cearense, aprendeu a sentir o mundo. Como se em cada um visse "os dele". Das experiências primeiras, as marcas ajudaram a definir a personalidade futura. Com a perda do pai advém o senso de responsabilidade, e o fato de, ainda menino, ser o homem da casa faz crescer nele a necessidade de contribuir, de ajudar a mãe, dona Raimunda. Fosse empacotando arroz, fosse limpando o jardim da vizinha. Para um dia, resultado do esforço, dizer: "Tá aqui, pro almoço". Prova concreta de que a dor é transformada em atitude — essa sempre em função do outro — e em entendimento: no mundo, não há só ele. Despertou o sentido de irmandade, energia canalizada para o Jornalismo.

A prática almejada é aquela cuja finalidade alcança compreensão, porque intenta dizer algo. Nasce da observação atenta, da reflexão criteriosa originada no pensamento sociológico. Valoriza justamente a relevância da questão, motivado a partir da identificação pessoal, quando tocado, sobretudo, pelo sofrimento alheio. E o texto constrói-se pela emoção: o repórter escorre em lágrimas ao lembrar a dor. Há de sentir, sofrer, indignar-se. O ofício o pressiona a seguir sempre

em direção rigorosamente traçada pelo sentimento dolorido no peito. Não se faz Jornalismo impunemente.

A profissão, no entanto, mostra-se sempre em fardos e glórias. Faz-se a possibilidade de saber-se vivo, sangue quente correndo em meio a tanta frieza. É, pois, a própria vida que emerge do diálogo com as pessoas. Torna-se o descobrimento de si, caindo, aos poucos, o véu que oculta as razões da existência: cada um faça por merecer. Precisamente, pelo discurso traçado, na reportagem aprimorada, identifica-se a singularidade de Melquíades. A identidade psicológica percebida na postura crítica, definindo-se em conduta cotidiana. De trabalho, mas de vida. Uma esfera inseparavelmente posta na outra.

O homem discreto de sorriso afetuoso impregna o jornalista lúcido que inspira confiança nas relações e subverte uma lógica de produção, impondo-lhe moralidade. Pelo temperamento paciente, aprende a equilibrar-se em um ponto de tensão: estar entre o impulso de escancarar as mazelas e o controle para silenciar. Aceita-se o desafio: é preferível dizer metade na condição de transformar. Idealista, acredita no bem do trabalho realizado, na função social honestamente desempenhada.

O repórter guarda uma dignidade merecedora de admiração. Há nele uma despreensão de exibicionismo. Ao trazer o outro para o centro, quase anula-se. Que disso não se entenda uma neutralidade cada vez mais desmascarada no Jornalismo. É bem o oposto. O lado que defende está explícito. A postura política é manifesta. Mas não faz da profissão um fim em si mesma. Ela é um meio. Sobretudo de estar no mundo. Ao jovem rapaz do interior, tão maduro homem em consistência de caráter, cabe-lhe a esperança. Ele é tal qual Pessoa, é como se lêssemos Fernando. À parte não querer ser nada, Melquíades tem em si todos os sonhos do mundo.

Ficha Técnica

Equipe de Produção:
Bárbara Rocha
Camila Aguiar

Entrevistadores:
Andressa Souza
Analu Moraes
Bárbara Rocha
Camila Aguiar
Joyce Lopes
Paulo Jefferson Barreto
Raissa Veloso
Roberta Souza
William Santos

Fotografia:
Luiza Figueiredo

Texto de abertura:
Joyce Lopes



Entrevista com Melquíades Júnior, realizada no dia 21 de novembro de 2013.

Bárbara – Melquíades, você vivenciou a infância e boa parte da juventude no interior do Estado, na cidade de Limoeiro do Norte. Aos sete anos, você perdeu o pai e passou a ser o único homem da casa, ao lado da mãe e das três irmãs. Você teve de assumir algumas responsabilidades ainda muito cedo. Inclusive, você falou durante a pré-entrevista que essa dor da perda foi transformada em uma noção de atitude. Essa vivência precoce contribuiu para a construção da visão de mundo que você tem hoje?

Melquíades – Olha, eu acho que, justamente porque eu penso que foi uma dor transformada em atitude, ela é válida para... Enfim, hoje e sempre. Eu acho que realmente ela foi importante por ter sido transformadora. Eu entendo que foi transformadora para o bem, para o melhor. Claro que ninguém quer uma dor para transformar. A gente quer transformar as coisas de alguma forma. Mas eu acho que sim, porque como você já contextualizou agora, não é que eu tive responsabilidades muito cedo, porque eu tive, mas antes de ter essas responsabilidades muito cedo, eu acho que eu vi as responsabilidades muito cedo, na figura da minha mãe. O meu pai trabalhava e sustentava a gente e a minha mãe era costureira, até hoje ela costura... O meu pai faleceu (*quando*) tinha 35 anos, eles eram bem jovens. Ela (*a mãe*) se viu tendo de criar os quatro filhos sozinha. Ver essa responsabilidade dela, eu acho que isso *pra* mim foi talvez a primeira transformação. O que é essa responsabilidade? É você se ver com quatro filhos e você vai ter de se sustentar, se manter, uma família pobre... E a partir de uma máquina de costura, *né?* E eu sou o mais novo dos quatro, tenho três irmãs mais velhas do que eu. Ninguém passou fome, não teve isso, até porque eu não sei exatamente o que seria passar fome, *né?* É deixar *pra* comer mais tarde? Para mim passar fome é muito mais do que isso. Mas de ver isso, de saber que ela tinha de trabalhar dia e noite para conseguir colocar comida dentro de casa. Todos vamos assimilando isso muito cedo. E eu acho que a minha primeira atitude no momento, criança, (*porque*) eu não tinha o que fazer, era sonhar, era projetar. Eu projetei, sabe? Eu projetei

coisas boas, mas eu vi que para fazer essas coisas boas, ou seja, para chegar a essa projeção, eu tinha de estudar. Então foi isso, de estudar, estudar...

Estudei na *Escola Normal*, que era uma escola particular, mas eu nunca tive dinheiro *pra* pagar, eu tentava pagar com estudos, *né?* (*rindo*) Se bem que eu não estava pagando, estava recebendo. Como bolsista. E foi a vida inteira lá, dessa forma. Estudando e sempre participando de muitas coisas. Eu participei de muitas coisas nesse período, (*do*) Ensino Fundamental até antes do Ensino Médio. O que eu quero dizer: eu estudei, tentei projetar isso de que eu poderia fazer algo por mim, pela minha família, estudando e depois fazendo as outras projeções. No Ensino Fundamental, como eu falei, fiz muita coisa. Fiz teatro, participei de várias outras coisas relacionadas a essa questão, enfim, questões culturais... Tanto que muito cedo, (*quando*) eu estava entrando no Ensino Médio, eu tentei fazer (*algo*) do conhecimento que eu absorvi ali nas aulas, passar para as outras pessoas. Eu acho massa transferir conhecimento para os outros, mas eu precisava de dinheiro, passei a dar aula particular. Foi ainda aí, eu ainda estava no Ensino Médio. O que acontecia era que eu achava que, de repente, poderia dar aulas particulares, quando eu ajudava os meus colegas nos estudos. De que forma (*eu ajudava meus colegas nos estudos*)? Eu não tinha livros, eu nunca tive um livro, nunca tive dinheiro para comprar um livro durante todo o Ensino Fundamental e Ensino Médio. Eu estudava pelo livro dos colegas. Inclusive, muitas vezes os livros terminavam o ano bem novinhos (*enfatizando, com ironia*). Eu pedia emprestado o livro. (*Por exemplo*) a prova é semana que vem, eu pedia emprestado nessa semana, tentava ser muito pontual nas tarefas, nos exercícios, nas leituras, porque, na semana da prova, o livro vai ser do cara, *né?* Eu já tinha de ter estudado e (*depois*) ficava estudando pelos meus cadernos. Eu estudava com os colegas e acabava a gente estudando junto. Enfim, eu, de alguma forma, ensinando uma coisa ou outra. Isso vale para Física ou para História. Tanto que, no Ensino Médio, quando eu comecei a dar aulas particulares,

O nome de Melquíades Junior foi indicado por Bárbara Rocha. Ao sugerir, a estudante falou do trabalho do jornalista no jornal Diário do Nordeste, em especial, da série "Viúvas do Veneno".

Na defesa do nome sugerido, Bárbara tentou convencer ao máximo as outras pessoas da turma a votarem no repórter como um dos perfis entrevistados. Durante a votação, ela ficou inquieta até o nome de Melquíades ser, finalmente, escolhido.

Além de Bárbara, outros estudantes também torciam pela escolha do nome de Melquíades. Quando a soma de votos revelou a definição de Melquíades como um dos entrevistados desta edição, os estudantes vibraram pelo resultado.

eu dava aula de todas as matérias. Primeiro lá por Limoeiro, depois aqui, quando vim para Fortaleza. Eu dava aula de todas as matérias mesmo: Matemática, Física, Química, que eram as que as pessoas mais precisavam, mas (*também*) História, Inglês, Geografia...

Teve uma coisa interessante: a gente começou a estudar Filosofia desde a quinta série! Eu acho que isso foi bacana. A gente tinha na grade curricular, eu tive, pelo menos, desde a quinta série, o estudo de Filosofia. Imagina que eu cheguei na faculdade de Ciências Sociais, *pra* gente estudar os filósofos pré-socráticos, eu já tinha lido esses filósofos, já tinha lido muita coisa desses filósofos. Eu achei massa (*enfazando*)! Eu acho que essa educação também deu uma base bacana para o que eu poderia escolher mais à frente. No Ensino Médio, eu já parei qualquer coisa que eu fazia extra-aula, extrassala de aula, para estudar e ensinar, dar aulas.

Mas teve outros momentos muito pontuais. Aos 13 anos eu comecei a trabalhar, (*mas*) não trabalhar de forma sistemática. A partir dos 13 anos, eu tirava as minhas férias para trabalhar. Eu empacotava arroz numa indústria que tinha de arroz lá em Limoeiro. Cheguei a empacotar com a minha irmã também. Eu chegava lá, sei lá, uma da tarde, a gente ficava até sete horas (*da noite*) empacotando arroz. A gente ficava num banquinho bem baixinho e empacotava vários fardos, cada fardo com 30 quilos. O quilo de arroz descia da esteira e eu ia colocando (*no fardo*). Num período de férias meu, eu acho que eu tive de empacotar uns 200 fardos, dependendo das entregas que tinha lá. Isso é uma lembrança bacana *pra* mim, quando foi o primeiro dinheiro que eu recebi e eu fui comprar o almoço de casa. Eu me senti útil, entendeu? Quando eu disse *pra* minha mãe que podia deixar que eu ia pagar o almoço (*nesse momento, Melquíades se emociona*). Você com 13 anos chegar e dizer que vai pagar o almoço. Ali, na minha opinião, eu tinha materializado o que eu estava projetando. Na verdade, eu não

“Eu estudei, tentei projetar isso de que eu poderia fazer algo por mim, pela minha família, estudando e depois fazendo as outras projeções”

Além da admiração pelo trabalho do repórter, uma das reportagens de Melquíades, “Mulheres em defesa da grande Mãe da Natureza”, foi inspiração para o tema do livro-reportagem de Bárbara, que será apresentado como trabalho de conclusão de curso.

materializei (*somente*) depois que vim *pra* cá (*para Fortaleza*), foi antes. Não é porque você pagou o almoço, não é isso. É você ter assimilado essa responsabilidade e ter visto, a partir daquele momento, uma forma de você contribuir (*enfazando*). Da mesma forma que hoje eu me vejo tentando contribuir com o mundo, com os mundos que a gente tem, eu tentei, naquele momento, contribuir dentro de casa e senti a minha responsabilidade. Vamos deixar bem claro: eu não entendi isso como exploração do trabalho infantil, porque foi uma coisa muito pontual, eu fazia num mês do ano.

Joyce – O seu interesse pelo Jornalismo advém desse senso de responsabilidade com o qual você cresceu?

Melquíades – Eu acho que sim, porque eu sempre digo que eu não vejo o Jornalismo como um fim, mas como um meio. Então, se eu acho que eu tento lutar pelo mundo ou com o mundo por meio do Jornalismo... Não fosse o Jornalismo eu estaria tentando fazer de uma outra forma. Eu acho que o interesse pelo Jornalismo veio de eu encontrar algo que pudesse encaixar com essas minhas vivências e aquele lance de aptidões. Quando eu pensei no Jornalismo, eu já tinha visto muitas coisas e (*pensei*) o seguinte: “o Jornalismo é uma profissão em que você pode aliar essa prática da leitura, do conhecimento”, e eu percebia o quanto é importante, eu percebia um pouco desse poder que é a Comunicação, publicação, coisas assim... E aí que foi se moldando essa coisa do Jornalismo.

Eu passei quase dez anos fazendo teatro, e eu acho que o teatro ajudou muito, porque eu era muito tímido, eu não me expressava, não falava nada. Quando fui para o teatro, eu arregacei (*rindo*). Não lembro de alguém me falando *pra* fazer Jornalismo. Sei lá, foi se construindo essa noção do Jornalismo. Eu digo: tanto foi se construindo que não teve um dia em que eu estalei e (*pensei*): “Pronto! Jornalismo!”. Tanto que eu nem lembro disso. Eu lembro do período em que eu fui construindo isso. Antes mesmo de fazer o vestibular. Entender que “poxa, eu acho que tenho afinidade com esses assuntos, eu gosto disso, e eu acho que seria bacana. Ah, de repente o jornal pode ser importante”. Porque você *tá* contando histórias, *né*? Histórias reais, de pessoas reais. E, se eu me sentia tocado lendo, se aquela mensagem chegou até mim, alguma mensagem que eu possa passar, de repente, vai que chega também, *né*? Acho que o Jornalismo pode ser esse caminho.

Andressa – Mas antes de ser um jornalista com diploma, você cursou a faculdade de Ciências Sociais. Como é que as Ciências Sociais e aquela rotina de estudar na Uece (*Universidade Estadual do Ceará*), toda essa

atribuição, somando os conteúdos das Ciências Sociais com a carga de você estudar Filosofia desde a 5ª série, desde os dez anos de idade, como é que isso contribui na sua carreira como jornalista?

Melquíades – Interessante, porque assim como as aulas de Filosofia no Ensino Fundamental ajudaram muito para seguir, também as Ciências Sociais (*ajudaram*). Eu diria que até mais que o (*curso de*) Jornalismo, (*foi*) a faculdade de Ciências Sociais, porque as leituras ajudaram muito, enfim, muitos autores que a gente via. E eu acho que também, da mesma forma que eu coloquei que o Jornalismo foi um caminho, trilhando para encaixar nessas minhas vontades, meus anseios, (*o curso de*) Ciências Sociais foi isso. Foi muito importante também pela construção dessa identidade social. Essa identidade social, de fato, eu me senti construindo na faculdade de Ciências Sociais. Apesar de que, já nessa época, eu não tinha vida universitária. Eu tinha os horários das aulas e tinha semestre que eu não tinha tempo de aparecer, tanto que alguns amigos (*me*) chamavam (*de*) o “colega fantasma do semestre”, porque era complicado, porque eu ficava viajando. Porque eu vim para Fortaleza, vim logo, de cara para (*estudar*) Ciências Sociais, me sustentando. Eu tinha de me manter e ainda assim tinha de ajudar em casa. Eu tinha de trabalhar, dava aula em Fortaleza, dava aula em Limoeiro, e era nesse tempo, correndo. Corria pra dar aula (*particular*), voltava, assistia à aula. Várias vezes eu pegava a topique de Limoeiro e vinha *pra cá*, a gente saía duas e meia da manhã, chegava aqui seis horas e às vezes eu ficava na própria faculdade logo, porque a topique deixava. Às vezes, eu chegava com a bolsa grandona e ficava tomando café na aula porque (*estava*) morrendo de sono. Tinha um amigo que ficava (*chamando*) “Melquíades, Melquíades”, achando que eu estava dormindo. E também (*foi*) nessa época que eu comecei a editar um jornal por lá (*em Limoeiro do Norte, o jornal Folha do Vale, que circulava em oito municípios da região do Vale do Jaguaribe. Nesse jornal, Melquíades atuou como editor, repórter, fotógrafo e diagramador*).

Então, tinha essas atividades todas, trabalhava muito, trabalhava direto para me manter, para me sustentar. A situação melhorou um pouco mais nessas viagens, de eu não chegar só dormindo, porque eu passei depois a morar em frente ao CH (*Centro de Humanidades*) da Uece. E lá, morando mais “em cima” (*da faculdade*), eu conseguia vir da topique, chegar em casa, tomar um banho, trocar de roupa, tirar 15 minutos de cochilo, meia hora, e ir *pra* faculdade. Mas é isso, acho que essa construção da identidade social,



Inicialmente, Camila Aguiar e Roberta Souza se manifestaram para ficar na produção da entrevista. O convite para a participação no projeto foi feito por Roberta. Ao ouvir a proposta, Melquíades aceitou e, brincando, disse: “Tava faltando nome, era?”

Somente depois de Melquíades ter aceitado o convite para participar do projeto, houve uma mudança nas equipes de produção e Bárbara acabou trocando de lugar com Roberta para produzir a entrevista junto com Camila.

O primeiro encontro da dupla de produção com Melquíades aconteceu no final da tarde de um sábado, durante o plantão de final de semana do repórter no Diário do Nordeste.

hoje, nas reportagens que eu faço, desde a questão dos índios, em 2008 (*Melquíades produziu uma série de reportagens sobre os indígenas do Ceará*), e dos povos tradicionais, esse meu contato partiu das Ciências Sociais. Não só com essas pessoas, como (*também*) com os movimentos a favor dessas pessoas e os pesquisadores, que alguns eram meus professores. Tudo isso vem do que eu estudei, do que eu lia sobre esses povos tradicionais na época das Ciências Sociais. Por isso que a participação das Ciências Sociais foi muito maior que o Jornalismo, porque eu me senti tocado pela Ciências Sociais, não pela faculdade de Jornalismo (*ênfatizando*).

Paulo Jefferson – Melquíades, você acabou de falar que a faculdade de Ciências Sociais ajudou muito mais a ser jornalista do que a própria faculdade de Jornalismo e, nas conversas que você teve com as meninas (*da produção, Bárbara e Camila*) antes desta entrevista, você falou que ficou muito decepcionado com o ensino de Jornalismo como um todo e eu queria saber que críticas você faz ao ensino do Jornalismo hoje, a partir das suas experiências.

Melquíades – Olha, eu não diria (*o ensino de Jornalismo*) “como um todo”. Se eu até disse, eu peço desculpas, porque, pensando bem agora, lendo o que eu falei, eu entendo, para gente evitar más interpretações, não é “como um todo”, (*é*) do que eu tenho conhecimento, do que eu vejo, do que eu acabo sabendo é que me decepciona. De que forma? Nas Ciências Sociais, eu tive muito esse envolvimento com a leitura, um mergulho com a leitura, entendeu? Para começar, nas Ciências Sociais dificilmente existe uma coisa que infelizmente no Jornalismo é quase natural: a vaidade. Há uma vaidade que quem vai fazer Jornalismo tem – eu não *tô* dizendo que todos nós – que quem vai *pra* Ciências Sociais não tem. Eu não vejo, pelo menos, eu não vi. Eu acho que essa profundidade de leitura, esse contato que a gente teve, essa noção de mundo que se abriu a partir daí, as viagens que nós fizemos e, sei lá, esse conceito de pessoas e não personagens, isso me abriu o olho de uma forma que eu vi o mundo maior, que,

quando eu olhei pro (*mundo*) do Jornalismo, era como se de alguma forma (*ele*) tentasse reduzir, tentasse limitar. Mas eu não estou falando como uma crítica aos professores, aos meus professores, não é isso, é pelo que eu vejo de pessoas que vão, seja para os jornais ou para as assessorias (*de imprensa*), seja o que for, e eu não percebo muitas coisas de noção de mundo porque eu entendo que nenhum de nós nasce sabendo, é tudo uma construção, todo dia a gente *tá* derrubando preconceitos, construindo alguma coisa, mas eu vi de uma forma muito forte essa coisa no Jornalismo (*de que*) “você vai ler um filósofo”, que eu tinha visto no Ensino Fundamental, “lá no final você vai ver um capítulo do cara”. Essa forma de que você vai tirar a cópia de um capítulo de *Grande Sertão: Veredas* (*obra de João Guimarães Rosa, escrita em 1956*), eu entendo que é muito conteúdo e não dá *pra* ver tudo, mas a minha crítica não é ao professor ou à ementa, mas leia o livro. E não dá *pra* você ler o livro todo não?! (*diziam*) “Ah, o professor vai fazer um trabalho sobre um capítulo”. Mas por que não ler o livro? É porque não tem tempo? Mas que tempo é esse?

Porque eu me sentia assim, eu sempre trabalhei muito, direto, direto, dormindo pouco, muita coisa na cabeça, muita preocupação, mas eu me vi com tempo. Pode ser um grande erro meu achar que todos nós temos tempo, o que falta é a gente organizar esse tempo, principalmente porque está se tratando de uma faculdade, que a gente está se formando para uma profissão que a gente vai levar para o resto da vida, “só” porque isso é importante (*em tom irônico*), entendeu?! Aí é que eu acho que tem de ter tempo mesmo.

Raíssa – Você enfatiza a importância do curso de Ciências Sociais na sua prática jornalística, mas como é que você percebe a transformação do Melquíades depois da graduação de Jornalismo?

Melquíades – Eu acho que depois desse momento de passar pelo Jornalismo, acho que foi mais um sentimento de, sei lá... Foi uma coisa mais de cumprir a diplomacia, formalizar um trabalho que já é feito há um

Na conversa antes do início da pré-entrevista, ele mostrou às duas estudantes um dos livros que estava lendo. Era *A cor do invisível*, de Mário Quintana.



tempo. Talvez por eu me sentir jornalista há mais tempo, talvez por eu me identificar, por me definir como jornalista há mais tempo, não houve um impacto. Porque é como se fosse o seguinte: eu estava na vida e vim para a faculdade e entendo que para muitos de nós *(a lógica é)* da faculdade para depois *(ir)* para a vida. Por que eu comparo com a vida e não necessariamente com o trabalho no jornal? Porque, às vezes, eu acho que é a partir desse momento, que a gente se propõe a sair só dessa coisa da faculdade e vai trabalhar, que, para mim, de fato, é a vida. É como você não conhecer Fortaleza de modo geral e, quando você vai para a redação do jornal, você rodar por Fortaleza e *(perceber)* “porra, eu moro aqui, nessa cidade”. Por isso que eu falo desse conceito de vida.

Então, é necessário. Eu não quero de forma alguma menosprezar esse momento, esse passo *(da graduação em Jornalismo)*, mas ele não teve aquele impacto muito forte porque eu já trabalhava nesse sentido *(como jornalista, no jornal Diário do Nordeste)*, eu já me via dessa forma e não era... Sei lá, eu defini antes.

William – Melquíades, entre esse “exercer o jornalismo” sem uma formação acadêmica específica para Jornalismo e, ao mesmo tempo, não perceber tantas diferenças no exercício da profissão após a conquista do diploma, eu tenho uma pergunta que envolve muito do que você falou para as meninas na pré-entrevista. Inclusive já falou aqui: que você enxerga as pessoas não como personagens, mas como pessoas. Você fala que se apresenta como repórter, mas depois também se coloca como pessoa naquele momento. Nesse processo de apuração, do fazer jornalístico mesmo, em que momentos você se percebe mais como cientista social ou como jornalista?

Melquíades – Eu acho que, talvez, eu me sinta mais como cientista social, muitas vezes *(risos)*. Apesar de que eu acho que o cientista social, assim como o jornalista, são roupas que a gente veste, que também são escolhas. Eu acho *(que)* anterior ao cientista social e ao jornalista, tem eu mesmo e as minhas vivências. Isso que a gente está falando da construção da identidade social. É como se o Jornalismo e as Ciências Sociais fossem elementos importantes para a construção dessa identidade social, mas é minha, não é das Ciências Sociais nem do Jornalismo. Mesmo que vá o cientista social, que vá o jornalista, vai o Melquíades, entendeu? Que eu acho que é maior do que o cientista social Melquíades ou o jornalista Melquíades.

O fato de tratar “como pessoas” eu não acho que foi um método de Jornalismo, *(ou)* que foi um método de Ciências Sociais. Não,

“Eu sempre digo que eu não vejo o Jornalismo como um fim, mas como um meio. Eu acho que eu tento lutar pelo mundo ou com o mundo por meio do Jornalismo”

não foi. Foi porque anterior a isso, eu acho que, enfim, somos pessoas, eu sou uma pessoa, você é outra pessoa. Nós somos diferentes, e o mundo está cheio dessas diferenças. Qual a finalidade que eu tenho como profissional para o mundo? Que tipo de modificação eu quero? Para essa modificação que eu quero, para chegar até aí, de que forma eu devo agir com você? Para ter de volta alguma coisa de você para mim? Eu acho que é muito isso. Quando eu chego para falar com as pessoas, eu chego na casa, eu sei que tem um tempo, eu sei que eu preciso de uma informação, eu tenho de voltar *(com essa informação)*... Mas, inclusive, acaba sendo bom para mim como pessoa e para a profissão, porque eu acho que a forma que eu chego nas pessoas, tentando me apresentar como pessoa é *(porque)* ela também se apresenta como pessoa. E acaba fluindo ainda mais essa conversa e as histórias. Porque uma das coisas que eu tento fazer é o que eu, inclusive, estou tentando aqui, é justamente ficar à vontade. Deixar também a pessoa à vontade. Eu acho que a forma como você chega define o que você quer dessa pessoa, e o que você quer dessa pessoa define o que você quer de um modo geral como pessoa. Se você quer só uma matéria, se você quer uma frase de efeito da pessoa, você vai lá, direciona a pergunta, a pessoa vai dar uma resposta, *(e você diz)*: “Fulano, obrigado, eu vou ter de ir agora, tchau”. Você nunca mas vai ver essa pessoa. Você conseguiu uma entrevista. Enfim, define o que você quer, o que você quer como pessoa. Mas eu penso que sou diferente. Porque eu acho que é importante o respeito com essa outra pessoa. Porque, olha só, você chega na casa de alguém para saber da vida dela. Às vezes, a gente perde uma noção, a vaidade coloca uma aura na nossa profissão que faz com que a gente se sinta no direito de chegar na casa do outro para saber

A primeira parte da pré-entrevista aconteceu em uma sala na redação do Diário do Nordeste. Após 25 minutos de conversa, a entrevista foi interrompida, pois Melquíades teve de cobrir uma suposta manifestação que iria acontecer no Palácio da Abolição.

Após a equipe de produção ter saído do Diário do Nordeste, Melquíades enviou uma mensagem de texto para o celular de Bárbara desapontado, pois tinha interrompido a entrevista por causa da cobertura de uma manifestação que não iria acontecer.

A mensagem era a seguinte: "Alarme falso. Nos tempos de hoje, a sociedade produz a notícia e os jornais correm atrás. Até os jornais perceberem que a sociedade pode fazer o mesmo que eles: mentir. rsrs".

da vida da pessoa! Pronto, tá bom, e você vai ter de dizer. Isso é muito ruim. Por pensar diferente, porque eu acho que deve existir essa relação de respeito e limites, que eu ajo dessa forma. São personagens? São, acabam sendo personagens, (*mas*) são pessoas. Eu tenho vários "eus", nós temos vários "eus", eu acho que, enfim... É um "eu" meu que vai encontrar com o "eu" de outra pessoa.

Analu – Em relação às suas experiências no Jornalismo: você falou que não sentiu muita diferença após ter conquistado o diploma do curso porque você já se sentia jornalista, você já tinha experiência lá no interior do Estado, em Limoeiro, tanto na *Folha do Vale* quanto no *site Limoeiro Livre*. Mas você tinha essa experiência no interior. Como foi para você fazer essa transição de começar a colaborar com matérias para o *Diário do Nordeste* e ir conseguindo seu espaço dentro do jornal?

Melquíades – Eu já escrevia sistematicamente para o *Diário do Nordeste* antes, nesse período todo da faculdade. Eu já mandava diariamente matérias, já estava envolvido nisso tudo. Já tinha, inclusive, feito série de reportagem, um caderno inteiro de 12 páginas. Teve a (*série*) dos índios (*Índios do Ceará*), que foi em 2008. Eu já tinha essa vivência também no *Diário*, que, de uma forma mais conceitual, é mais "jornalismo", digamos assim, do que a "oficina" que eu fiz em Limoeiro. Isso ajudou demais nessa construção, porque eu já fazia todas as atividades, esse trabalho. O trabalho da reportagem, de tudo. Por isso que eu acho que não houve esse choque. Eu tinha feito o *Limoeiro Livre*, que foi apenas um *site* (*que*) durou alguns meses. Foi um dos primeiros *sites* de Limoeiro do Norte, foi em 1997, entre 1996 e 1997, com um primo. Eu disse: "Ah, vamos fazer". E ele: "Beleza". (*Ele*) queria mexer com *design*, diagramação do *site* e eu ia com as notícias. Esse foi um primeiro momento. Depois eu fui para *Folha do Vale*, que existe até hoje, e comecei também a contribuir com algumas coisas. A primeira matéria que eu fiz para *Folha do Vale* foi sobre o *Limoeiro Livre*, era sobre o meu trabalho. Até que – como não havia uma equipe de jornalistas nem nada na *Folha do Vale*, são apenas pessoas guerreiras que veem a importância de um jornal para uma cidade, como uma forma de registro da história – (*elas disseram*): "Você pode mandar um material pra *Folha*?" Eu fui mandando aos poucos e publicava uma matéria ou outra. Depois eu já fazia a matéria, depois eu diagramava a matéria, depois eu virei editor-chefe do jornal de lá (*risos*). A *Folha do Vale* tem 17 anos, eu acho, mais ou menos isso.

Roberta – Você está falando dessas suas experiências e desde o começo já trabalhava



com isso, de produzir, apurar, escrever, tirar fotografias. É uma coisa que você já vem desenvolvendo desde o começo da sua carreira como jornalista, e até hoje é uma característica que se perpetua. Alguns amigos o definem como um jornalista "multitarefa". Nesse sentido, eu gostaria de saber como você acha que essa sua característica contribui para a sua produção como jornalista, principalmente no cenário como o que nós vivemos atualmente, dessas transformações que o Jornalismo vem passando.

Melquíades – Olha, do ponto de vista pessoal e profissional, do que eu me coloco como jornalista, eu acho que é massa. Acho bacana essas outras formas de produção. Você imagina que eu pensava a página – aliás, até hoje eu faço isso – dialogando com os colegas que são responsáveis pelos setores. Mas você pensar a página, pensar a fotografia, o texto... Eu acho que havia uma sintonia nisso. Vai uma crítica, muitas vezes, às formas de se trabalhar em jornal, onde não há muita interação do fotógrafo com o repórter de texto e, às vezes, saem duas coisas. Não é porque eu ache que os dois têm de pensar a mesma coisa não, mas, (*em algumas situações*) não houve a mínima sintonia para haver uma discussão, um debate. Às vezes, não tem isso. Mais uma vez, vai se culpar a pressa, porque eles têm de ir superrápido fazer uma pauta, fazer a foto. Essas tarefas me ajudaram a colocar em sintonia a fotografia com o texto. Quando eu vejo uma matéria que tem o texto e a foto (*minhas*), (*eu não fico pensando*) "olha,

Para o material a ser entregue aos entrevistados, a equipe de produção entrevistou alguns amigos de Melquíades que também são jornalistas: Maristela Crispim, Ivna Girão, Erlene Firmino e Emerson Rodrigues, todos do *Diário do Nordeste*.

as duas são minhas". Não é isso. É porque eu senti um complemento ali, que às vezes a gente não consegue ter, mas é normal. Do ponto de vista dessa sociedade capitalista (*rindo*) em que vivemos, isso é ruim. De que forma? Isso é bom quando eu me sinto bem para escrever, fotografar, gravar um vídeo com um celular e disso fazer um documentário... Ou até pensar o desenho de uma página. Eu acho massa. Agora, do ponto de vista capitalista, para a lógica patronal capitalista isso é bom porque são várias funções num só, vamos demitir os outros. Isso é péssimo. Eu tenho um medo muito grande disso, quando eu estou escrevendo e fotografando, porque eu acho bacana e me sinto bem. Mas... Aí é um dos limites que a gente tem de se impor. Poxa, mas, se pensarem que todo mundo pode escrever, fotografar e não sei o quê, vai acabar o trabalho do fotógrafo. Isso é muito, muito errado. Eu vejo dessa forma. Do ponto de vista de experiência, é bastante enriquecedor. Mas, como estamos inseridos num mercado de trabalho, para o mercado de trabalho isso pode ser ruim, por haver essa percepção de que vamos cada vez mais (*ter menos profissionais*).

O que eu entendo que deveria se pensar é que, em vez de o jornalista escrever, fotografar ou desenhar uma página, é se pensar que o jornalista possa ter experiências e leituras nas áreas sociais, econômicas, políticas... O que deve é haver um bolo com todos esses segmentos para o jornalista "engolir todinho", são essas diversas experiências. Porque isso vai ampliar sua noção de mundo como jornalista, (*mais*) do que se você fizer só o Jornalismo Esportivo, se você fizer o Jornalismo Econômico, Político e não entender que tudo isso está envolvido, entendeu? Que há uma transversalidade. Eu acho que é esse "multi", essas multifaces, que deveria ser a lógica. O jornalista que possa ter experiências nessas áreas enriquecedoras. Mas estamos nivelando por baixo, que é exatamente o contrário. Vamos tirar os empregos e ver alguém que faça tudo e vai acabar não fazendo bem feito.

Joyce – Ainda com relação à entrada no *Diário*, que aconteceu até por iniciativa sua de enviar material para lá. Devido ao interesse por pautas sociais, mais críticas, você nunca teve restrições em trabalhar na grande mídia?

Melquíades – Isso é um ponto bem interessante, que eu acho que acaba abrindo para outras perguntas. É o seguinte: existe aquele ditado que (*diz*) que, se você quer escrever tudo que você quiser, tenha o seu próprio jornal. Quando a gente se insere no que se convencionou chamar de "grande mídia", a gente sabe que tem restrições, tem várias limitações de diversos tipos, principalmente

dependendo das linhas editoriais. Isso é fato. Mas, sem querer fazer qualquer defesa, sem querer ser advogado do diabo, fazer qualquer coisa nesse sentido, eu acho que é muito mais produtivo e enriquecedor de construção da identidade profissional eu não ter o meu próprio jornal para escrever o que eu quiser, eu acho muito melhor escrever no jornal dos outros e encontrar esses limites dos outros. Porque esses limites dos outros são o que vai, inclusive, me desafiar e fazer com que eu, de alguma forma, amplie os meus conhecimentos. Vou dizer de uma forma muito prática: quando você sabe que há limitações porque o jornal não é seu, é dos outros, você tem de estar muito mais fundamentado. O trabalho empírico tem de ser muito maior, digamos assim, essa experiência tem de ser maior. E tudo isso é uma cobrança que você (*ênfatizando*) está fazendo, antes, como profissional, (*mais*) do que o que o outro está colocando para você, está impondo para você, está empurrando. E isso é desafiador.

Daí, eu comecei a refletir sobre essa coisa da grande mídia, *né*? Esse conceito de grande mídia. Porque muitas vezes se discute a grande mídia como uma coisa muito hermética, intransponível, quando, na minha opinião, são conceitos que nós temos, nós construímos, mas somos nós que construímos que também moldamos, damos o rótulo, a embalagem, enroscamos, fechamos e botamos na prateleira. Eu acho que eu fui na prateleira desenroscar (*risos*). Quando eu vi que matérias que, aparentemente, não seriam publicadas na, colocando as aspas, "grande mídia" – lembrando que isso é um conceito dos outros e não um conceito que eu dei –, isso de alguma forma foi (*se*) destruindo primeiro em mim. Sempre vai existir limitações, eu não devo me iludir, mas o fato de você conseguir essas matérias de temática social publicadas nesses grandes meios, (*tem*) duas coisas: primeiro, me fez tentar apurar ainda mais e, digamos, fundamentar ainda mais a minha opinião, porque se você escreve num jornal

**"Nós somos diferentes,
e o mundo tá aí cheio
dessas diferenças.
Qual a finalidade
que eu tenho
como profissional
pro mundo?"**

A maior parte das entrevistas com os amigos de Melquíades foram feitas na redação do *Diário do Nordeste*. Nas conversas, os colegas o definiam como um "repórter sensível"; "um jornalista apaixonado"; e "cuidadoso na apuração".

Outras características destacadas pelos colegas entrevistados foram a dedicação de Melquíades à profissão, o tratamento humanizado em seus textos e o fato de ele ser uma pessoa "doce".

“A gente só vai, como jornalistas, transformar o Jornalismo, se transformar o homem. O homem dentro de nós”



A chefe de Melquíades, Maristela Crispim, contou que a equipe tem uma brincadeira de chamá-lo de "menino veneno", por causa da série de reportagens sobre os agrotóxicos.

que é seu você vai dizer a sua opinião, mas para você convencer o outro a publicar, você precisa ter mais fundamentos do que você achou que precisaria. Por isso que eu acho que há uma pedagogia nesse obstáculo. É por esse motivo, e também (*por*) achar que, da mesma forma que eu acho que a gente deve desconstruir um pouco esse conceito de "personagem", por que não o de "grande mídia"? Ainda que isso vá levar anos, enfim, é todo um processo. E, sim, eu fico muito feliz de ver esse material publicado (*Melquíades se refere a matérias de temáticas sociais contrárias aos interesses da grande mídia*). Tive situações em que as pessoas realmente questionaram, indagaram: "Mas o jornal vai permitir publicar uma matéria sobre esse tema?" E eu consegui páginas e mais páginas sobre um tema. Acho que isso prova que também há muito de nós, repórteres. Depende muito de nós, também. Vai ter aquela barreira que você não vai passar, mas as primeiras somos nós que colocamos.

Andressa – Melquíades, ainda como correspondente do Regional (*no jornal Diário do Nordeste*), você produziu a série *Índios no Ceará, Excluídos e Povos do Mar*. Ainda nesse pensamento da grande mídia, você acha que ser esse repórter com o olhar para o tradicional, mas sem encarar o tradicional como uma coisa exótica, ajudou a ganhar cada vez mais espaço *pra* esse material de cunho mais social dentro do *Diário*?

Melquíades – Sim. O caderno Regional foi uma verdadeira escola. Foram nove anos correspondendo no caderno Regional. Fazendo as fotos, fazendo os textos, viajando sozinho por aí. Eu viajei de tudo que vocês imaginarem (*Melquíades fala que postou em uma rede social, no dia da entrevista, uma foto dele em uma canoa durante a produção da Série Jaguaribe - Memórias das Águas, "pra ir pro outro lado colher histórias"*). Eu acho essa pergunta tão pertinente, porque eu posso colocar ao lado da pergunta sobre as Ciências Sociais, das vivências, porque é transformador para o seu trabalho como

"Quando você sabe que há limitações porque o jornal não é seu, é dos outros, você tem que estar muito mais fundamentado"

A produção tinha a intenção de entrevistar a mãe de Melquíades, dona Raimunda, que mora em Limoeiro do Norte, mas, de última hora, não foi possível viajar até o município para conversar com ela.

correspondente. Você vai pelo interior do Estado, fazer matérias, encontrar pessoas, conhecer pessoas e tudo. Porém o seu espaço é aquele em que você se reporta. O que eu quero dizer: eu não fazia a matéria e voltava para uma redação climatizada, fechadinha. Eu continuava lá. Por continuar lá, isso me fazia sentir muito mais coisas. O contato maior com as pessoas... Havia preocupações, porque você está entrevistando a pessoa que ela pode saber até onde você mora e você acaba se tornando conhecido no município e na região. Acontecia uma coisa muito interessante: na redação você vai para um lugar, faz a matéria e volta. Você é um repórter que foi fazer a matéria para o jornal. No interior, não. De alguma forma, o seu nome tem um destaque maior. De alguma forma, você é (*também*) um personagem quando está colocando aquela matéria. Independentemente da minha construção da identidade social e profissional, o Regional me colocava também como uma identidade ali, um personagem ali, porque era o Melquíades Júnior. Chegava no interior, as pessoas falavam: "Você é o Melquíades Júnior?"

Eu acho que o caderno Regional formou esse repórter multi não sei o quê, sei lá, essa palavra... Multitarefa, né? (*rindo*) Porque tinha de fazer as coisas. Eu andava com a mochila e tinha tudo. Era o computador, a câmera fotográfica, gravador, bloco de notas, o *modem* da Internet. Ia para os lugares, pegava ônibus, mototáxi, táxi, carona... Fazia tudo isso e, de onde eu estava, pegou sinal, eu (*pensava*): "Vou plugar aqui, escolher as fotos, mandar as fotos, o texto...". Isso ajudou, inclusive, no tempo. Porque, normalmente, quando a gente vai fazer uma matéria, você se preocupa ou só com o texto ou só com a fotografia. Eu tinha de me preocupar com as duas coisas no caderno que fecha mais cedo do jornal (*risos*)! Foi um negócio louco! Foi definidor dessa questão das pautas sociais. Como eu escrevi a matéria do *Memórias das Águas* agora, dos povos ribeirinhos, do pessoal do Rio Jaguaribe. Nasci em Limoeiro do Norte, por onde passa o (*rio*) Jaguaribe, então, quando eu chego lá, eu sou um deles...

William – A primeira matéria de capa que você fez para o Regional foi sobre o Rio Jaguaribe e você abriu o texto com um poema do Demócrito Rocha (*jornalista baiano que se radicou no Ceará, onde fundou o Jornal O Povo. Nasceu em 1888 e faleceu em 1943*) que dizia: "O Rio Jaguaribe é uma artéria aberta por onde se escorre e se perde o sangue no Ceará". Agora, saiu o primeiro caderno da série *Memórias das Águas (série sobre os povos ribeirinhos do rio Jaguaribe, publicada nos dias 20 e 22 de novembro de 2013)*, e quando eu estava lendo um dos textos,

chamado "Meninos do Rio", vi que em algum momento você se coloca como menino do rio também, e em outros momentos, quando fala das séries que já fez. Você acha importante sempre se pautar por vivências pessoais?

Melquíades – Na página de "Meninos do Rio", eu digo que sou um menino do rio, mas eu me sinto menino do rio desde a primeira linha do texto, lá na página que eu falo da cerca de arame farpado. Entendendo como menino do rio não só (*em relação*) ao Rio Jaguaribe, mas pegando um pouco a frase do Guimarães Rosa, de que o sertão é universal, (*também*) há um rio universal. E eu me sinto menino desse rio. Então, o que eu vivi é muito relativo, porque eu não vivi enchente, não fui botado para fora de casa, eu não fui contaminado por agrotóxicos (*tema da série Viúvas do Veneno, publicada em abril de 2013*), eu não fui expulso da minha terra para que outra pessoa ficasse... Mas eu entendo isso como uma vivência. Por isso que me identificar com essas pessoas é me fazer estar lá. Não é que eu vá falar (*nas*) matérias daquilo que eu já conheci, ou já vivi, ou há uma coisa meio autobiográfica. Não é isso. É mais. Esse meu sentimento de vivência é aquilo com que eu me identifico. Pode ter alguma história que não vivi, que eu não vivenciei, que eu não vi... Ainda (*ênfaticamente*). Mas, de repente, sei lá, no ano que vem eu posso deparar com uma história como se tivesse vivido. Eu acho que vai muito além do passional e do parcial.

Andressa – Você falou, quando conversou com as meninas da produção, que busca sentir a dor do outro para colocar no texto. Eu queria saber se essa é uma busca sua para diferenciar o tratamento do seu Jornalismo para o Jornalismo que busca ser mais objetivo, busca ser mais frio, busca ser um pouco mais afastado. Esse é um tratamento que você procura dar nas suas matérias? Fazer essa diferenciação entre a abordagem da mídia tradicional e do jornalismo feito pelo Melquíades?

Melquíades – Eu acho que essa forma com que eu me refiro de lidar com a outra pessoa e fazer uma matéria daí também me

ajuda nessa coisa da pessoa ficar à vontade e não se sentir tão invadida, porque ali não deixa de ser uma invasão. E conseguir que ela fale mais, inclusive. Tem uma situação de uma senhora que a gente foi entrevistar numa comunidade quilombola não-reconhecida, ainda, em Jati (*sul do Estado do Ceará*), (*era*) um vão só a casa dela, de taipa e tudo, de barro... E a gente estava fazendo uma matéria, ela falando das dificuldades, ela falou de uma série de coisas, de que não chega água, que tem de botar o balde de água na cabeça e pegar longe, tem de subir o morro. Às quatro e meia da madrugada (*ela*) sai para varrer a rua, porque, na verdade, a pessoa que é servente é que deveria fazer, mas ela recebe por fora, sei lá, 40 reais por mês para todo dia, quatro e meia da manhã, varrer a rua. Ela falou tudo isso, mas, por essa minha preocupação, além de agradecer e tal, depois que a gente encerrou as fotos e pareceu que ali tinha encerrado a entrevista, eu sentei na cama dela e perguntei – porque ela falou que tinha um marido e filhos, quase como quem chega para um irmão, e disse: "Tá tudo bem, tá?" Eu perguntei! Ela mostrou o remédio da filha que tem epilepsia, de sete anos. Talvez naquele momento ela confiou, sentou e disse que tinha botado o marido para fora (*de casa*) estava com uma semana, porque ele estava querendo abusar das meninas. Era o padrasto das meninas e ele estava bêbado, era alcoólatra e... Entendeu? Ela falou num momento em que não tinha câmera, não tinha foto, estávamos os dois sentados na cama dela, conversando, porta aberta. Estava prestes a sair. Claro, eu poderia ter usado isso como um elemento maior na matéria. Eu nem usei. Ela falou para mim e não para o jornalista. E eu busquei respeitar isso. Mas, de alguma forma, isso faz parte do processo de construção da minha dor. De qualquer um de nós. Eu acho que vocês, inclusive, no fim desses trabalhos de laboratório, de repente entrevistam uma pessoa que dá vontade de você chorar com ela. É isso, é quando, de alguma forma, há uma construção da dor em você. Essa minha forma de trabalhar – e eu

A segunda parte da entrevista demorou algum tempo para acontecer, pois Melquíades iria viajar durante cerca de 10 dias para produzir a série de reportagens "Jaguaribe - Memórias das Águas".



No dia 03 de novembro de 2013, foi realizada a segunda parte da pré-entrevista, na Praça da Argentina, que também seria espaço para a entrevista com toda a turma. Mas devido à falta de cadeiras suficientes na praça, a produção decidiu mudar o local.

Na pré-entrevista, a equipe de produção conversou durante bastante tempo com Melquíades. Ficaram, inclusive, receosas de que a entrevista ultrapasse o limite de tempo, que era de duas horas.

“Da mesma forma que eu acho que a gente deve desconstruir um pouco esse conceito de “personagem”, por que não o de “grande mídia”?”

não falo com muito conhecimento de causa, por não conhecer outras formas de trabalhar –, eu continuo investindo nela, por achar que daí a gente consegue mais informações, as histórias, inclusive, ficam mais ricas. Que foi o que aconteceu com as viúvas, acho que houve essa chance de profundidade porque houve esse tipo de contato, de você ficar, sabe, falando com o personagem, de ficar falando com a pessoa. Isso ajudou.

Paulo Jefferson – Você falou, na pré-entrevista, que o incomodava muito, no jornalismo factual, a superficialidade que a gente procura dar nas matérias do dia a dia. O questionamento que eu faço, então, é como é que foi a entrada para o Núcleo de Reportagens Especiais, porque hoje você passa um tempo maior para produzir as reportagens que você faz...

Melquíades – Eu vi (o convite para integrar o Núcleo de Reportagens Especiais) como um reconhecimento do (meu) trabalho. De alguma forma acharam que, para o que eles queriam propor, eu poderia me encaixar. Se bem que essa palavra “encaixar” é muito forte. Eu acho que não dá para encaixar, a gente nunca está se encaixando, porque significa quase que como se você estivesse sendo completamente moldado por outra coisa. Isso eu espero que nunca aconteça. Mas eu vi como um reconhecimento, fiquei

surpreso, eu realmente não esperava. Eu tanto não esperava que eu nunca tinha inscrito outras matérias em prêmios, em nada. As minhas matérias anteriores participavam dos concursos internos do jornal. O reconhecimento era muito ali e eu fazia o meu trabalho. Mas, quando eu fui convidado, eu achei muito bacana por entender que eu poderia dar sequência a alguns projetos e, inclusive, construir outros. A sequência a que eu me refiro é exatamente (ao trabalho) das viúvas, que eu já vinha há um tempo falando disso. Também não foi um estalo. Quando eu cheguei, foi muito natural esse processo de pensar nas viúvas. Quando eu falo essa questão da superficialidade, eu acho que tem a ver com a nossa formação, do que a gente está se propondo.

Bárbara – Melquíades, quando você entrou no Núcleo de Reportagens Especiais, o primeiro trabalho, de fato, como integrante desse núcleo, foi a série *Viúvas do Veneno*, que é resultado de um processo de apuração de cerca de sete anos. Como surgiu a ideia para sugerir para o próprio núcleo produzir a série *Viúvas do Veneno*?

Melquíades – Eu já vinha acompanhando essa questão dos agrotóxicos, eu já vinha com uma certa pré-disposição de que é um tema que o jornal já tratava. É muito importante ressaltar isso, eu volto para aquele conceito do lance da grande mídia, quando se fala muito que “ah, não vai publicar”. Já vinha há sete anos fazendo denúncias, fazendo matérias relatando, colocando essas denúncias sobre a questão da contaminação por agrotóxicos. Quando eu vim com essa ideia é que me disseram o seguinte: “Olha, há um suporte maior (no Núcleo de Reportagens Especiais), uma estrutura maior para que você possa dedicar um tempo”. Eu pensei: “Poxa, acho que isso é o que todos nós queremos: ter um tempo maior para fazer uma matéria”. Aí me vi nessa vontade. Passei um mês para dar a resposta, porque eu tinha outras atividades em Limoeiro, além de correspondente, enfim, família, minha

No dia da discussão da pauta da entrevista, Bárbara colidiu o carro próximo à Universidade. Ela, Camilla, Roberta e William, que também estavam no veículo, chegaram um pouco atrasados na sala. Porém, no final tudo deu certo e a pauta proposta pela equipe de produção não teve muitas alterações.





filha nascendo, uma série de coisas que não dá para você dizer assim: "Olha, você vai largar metade do que você faz e ficar só com aquela outra metade que satisfaz". Foi bem difícil, passei um mês, depois decidi e (*algum integrante do Núcleo*) falou: "Olha, aqui você tem os projetos (*de reportagem*)". Eu pensei em apresentar o projeto das *Viúvas*, então foi aí que eu, como já estava acontecendo a semana do Zé Maria do Tomé (*evento que reúne pessoas de diversos movimentos na Chapada do Apodi para cobrar justiça em relação ao assassinato de Zé Maria do Tomé e à exploração do campo pelo agronegócio*), tinha outra pesquisa que estavam concluindo, tudo conspirava para que fosse um momento oportuno para fechar um certo ciclo desse assunto. Eu ofereci o projeto das *Viúvas do Veneno*, que também o nome não veio logo. Eu pensei nisto: "Ah, vou falar sobre a questão dos agrotóxicos". Mas de um outro olhar. De que forma? Eu já escrevi tanto sobre agrotóxico. Como escrever sobre o tema que você já escreve, com informações que você já sabe, que você já disse, com personagens que você já conhece e algumas vezes até já relatou sobre isso? De que forma? Aí foi que nasceu um pouco desse olhar. E eu fiquei pensando nisto: de que forma (*eu poderia trazer*) esse (*novo*) olhar? Então as *viúvas*, se são elas as pessoas com quem eu falo hoje, a matéria é com elas, porque o Vanderlei morreu, o Zé Maria morreu e (*há*) outras pessoas que vão morrer e há mais pessoas que morreram e (*outras*) que eu não conheço ainda, vamos dialogar com essas pessoas, esse assunto, foi daí que veio esse projeto das *Viúvas*.

Raíssa – Mas escolher essa perspectiva da matéria pelas *viúvas* também foi uma forma de ter a proposta aceita pelo jornal?

Melquíades – Não, o que eu me preocupei muito para ter a proposta aceita pelo jornal foi a fundamentação. Tudo bem, é muito complicado dizer que as pessoas morreram contaminadas por agrotóxicos, é muito difícil. Um dos problemas que eu relato na matéria é essa dificuldade donexo causal. Eu conheci várias pessoas que eu poderia dizer: "Olha, fulano morreu contaminado por agrotóxico". Mas volta àquela questão: quem sou eu *pra* dizer assim? Precisava de um embasamento, inclusive científico, maior. A minha preocupação maior foi nessa proposta, tanto que eu levei mais ou menos um mês e meio até entregar (*o projeto*). Poderia ser apenas um projeto em que eu resumia, mas eu pude colocar no projeto aquelas informações. Eu tinha inclusive informação médica, porque eu consegui cópia de prontuário, porque eu consegui a certidão de óbito da Rosália, lá em Caaporã, na Paraíba, que dizia que ela morreu por aplasia medular. Você vai dizer: "O que pode causar? Que diabo é aplasia medular?" Peguei as informações do Sinitox (*Sistema Nacional de Informações Tóxico Farmacológicas*), Ceatox (*Centro de Assistência Toxicológica*). Isso foi a grande preocupação, de estar fundamentado. Como também foi em outras matérias, eu procurei dar o mais fundamentado possível, porque às vezes você gera até um constrangimento de "é, isso aqui deve ser publicado".

Foi muito bem recebido, realmente houve uma fluência muito massa. Acho que passou uma onda aí que foi a sacação, o lance das *viúvas*, foi essa história, foi fundamental, foi conseguir essas coisas, porque ninguém disse que precisava de certidão de óbito, mas eu fui procurando muitas coisas, muitas provas, muitas comprovações, tanto que a matéria levou esse tempo que levou, teve 15 páginas – e quantos personagens de fato? Cinco, tirando os cientistas, tirando não sei quê. Porque (*sobre*) aquelas pessoas eu tinha mais informações que pudessem pontuar que foi contaminação por agrotóxicos, porque tinha relatório médico, em alguns casos tinha um relatório da perita médica falando, porque a questão foi *pra* Justiça e tal... Então, isso me deu aquele suporte. Pronto, eu coloquei isso na proposta e foi aprovado.

Andressa – Você falou que não precisou ninguém dizer que precisava da certidão de óbito ou de algumas provas para apresentar a proposta para que o jornal aceitasse a publicação, mas existiu algum tipo de orientação sobre como escrever essa matéria, o que poderia entrar ou o que não deveria entrar, algum tipo de censura antes de ela ser escrita?

Dois dias antes da entrevista, o professor Ronaldo Salgado sugeriu que a entrevista fosse feita no Restaurante Dona Chica e a turma concordou. No mesmo dia, a equipe de produção foi ao estabelecimento e a administração aceitou a proposta. Foi um alívio!

A entrevista foi realizada em uma quinta-feira, entre as publicações da série de reportagens "Jaguaribe - Memórias das Águas", resultado da viagem de Melquíades pela região do Vale do Jaguaribe após a primeira pré-entrevista.

Além do trabalho de empacotar arroz, Melquiades limpava o jardim da vizinha, esposa do dono da indústria de arroz, que se tornou dona da casa onde a família do jornalista morava. Por causa de uma crise financeira, o pai dele precisou vender o imóvel.

Melquiades – O processo de produção da matéria, até toda a concepção de páginas, foi uma coisa muito de confiança em mim, e eu achei maravilhoso porque também vi como reconhecimento do meu trabalho. Não houve esse direcionamento. Não existiu, em momento algum, um direcionamento. A preocupação que me foi dada foi de estar fundamentado. Quem pode dizer isso se não você? Porque uma coisa é o que eu *(digo)*... É o lance das dores, *né?* De você tomar as dores do outro. Uma hora é você que *tá* dizendo, mas e quando não é você? Eu preciso do “não você” ali. Isso foi a preocupação. E dessa forma eu me senti desafiado e fui atrás, entrei em contato com vários pesquisadores aqui do Nordeste, foi primordial a participação do pessoal da Fiocruz (*Fundação Oswaldo Cruz*) em Recife. Fui lendo muita coisa, eu estava lendo tese de doutorado sobre carcinomas, fórmulas da carcinogenomia, enfim, algum nome que eu não lembro, com fórmulas quânticas. Claro, eu não fui tentar entender essas fórmulas, mas só para entender que era uma tese de doutorado, uma coisa muito técnica, mas eu poderia encontrar alguns elementos porque aquela pessoa fez algumas pesquisas e eu poderia ir atrás daquilo. É uma

assembleias, várias reuniões, na Assembleia Legislativa, de comissão de não sei o quê com comissão de não sei o quê para tratar desse assunto. Eu entendi, de alguma forma, que as matérias ajudaram nisso. Sabe por quê? Porque, de um modo geral, as universidades estão sempre tratando esses temas, estão sempre com essas pessoas. Mas, às vezes, não há um trabalho de extensão que não seja apenas apresentar a pesquisa. As universidades estão riquíssimas, eu acho que as estantes das bibliotecas das universidades são um celeiro de pautas que estão lá no cantinho.

Raíssa – Com relação a esse desafio de escrever em uma grande empresa de comunicação, você mencionou que o fato de trabalhar no jornal do outro tem uma função didática, tanto porque você vai atrás de provar o que você está afirmando, como você aprende o limite de até onde você pode ir. Existe uma certa autocensura?

Melquiades – Eu acho que é quase uma autoregulação. Não vejo como autocensura. Sabe por quê? É muito delicada essa palavra: censura. O que de fato é a censura? Ela é delicada, é muito forte. Eu acho que não corresponde ao que foi a realidade. Eu não

“As universidades estão riquíssimas, eu acho que as estantes das bibliotecas das universidades são um celeiro de pautas que estão lá no cantinho”

coisa que eu faço muito. Eu agradeço demais às universidades, porque quando eu tenho alguma matéria que eu possa investigar, eu vou atrás de alguém que tenha um trabalho nessa área e eu vou ler.

Por exemplo, o do Jaguaribe agora, tudo bem que era uma matéria sobre o rio, que eu fiz o percurso, mas eu achei arquivos de dissertação, de mestrado, de doutorado, algumas pessoas que eu já conhecia. Eu fui pegando isso *pra* me fundamentar. A preocupação foi exatamente essa, até apresentar todo esse conteúdo. Pronto, cheguei a essas conclusões, está aqui o material. *(Em)* todo esse processo, eu, de uma forma muito feliz, consegui toda essa fluência, essa preocupação, essa coisa do jornal. Eu acredito que, também, esse tema foi para frente porque eu consegui esse espaço dentro do jornal sete anos e tanto atrás para falar disso. Tanto é que foram matérias anteriores que geraram outras ações, como, enfim... Foi feita uma ementa numa lei para proibir a pulverização aérea no Ceará, foram várias

vejo como autocensura. Eu me políciei, me preocupei, houve, eu diria, uma autoregulação, mas não uma censura propriamente dita. E eu posso até depois encontrar elementos para isso que eu estou dizendo agora, para provar isso. Sempre que eu fui fazer a matéria, eu já tinha uma aprovação prévia do jornal para ir fazer. Então, não foi uma coisa do tipo: “Vou fazer aqui e vou ver se eu convenço”. Isso existe, essa construção, principalmente, nas matérias maiores, mas normalmente, eu digo. Aliás, *(eles)* têm de saber que eu estou indo, que eu vou fazer matéria tal. Há uma aprovação lá no início. Já houve esse pontapé, essa aprovação do jornal. As pessoas perguntavam: “Ah, mas vai sair?” *(Eu dizia)*: “O jornal está sabendo que eu estou aqui, sobre o que eu vou falar”. Eu entendo perfeitamente, é natural esse tipo de pergunta, inclusive dessas pessoas *(que estão)* fora. Tenho várias pessoas que chegaram para mim relatando: “Olha, esteve a imprensa aqui, a gente fez a matéria, não saiu nada” ou “Esteve imprensa aqui, a gente

Na época do vestibular, Melquiades lia “avidamente” o jornal Folha de São Paulo, fornecido pelo vigário Padre João, hoje um grande amigo. Ele acredita que as leituras ajudaram muito na produção dos textos jornalísticos.

falou e disseram uma coisa completamente o contrário da gente". Eu entendo que a culpa é, muitas vezes, nossa. Claro, não vou botar só no repórter que foi, é tudo. É da edição, é do repórter, da proposta do jornal.

Mas, de alguma forma, o repórter pode voltar para redação com argumentos suficientes para, de repente, o meio de comunicação não fazer o olhar que já faria, que é o lance de reforçar os estereótipos, como eu falo das matérias policiais. Eu entendo que os meios de comunicação querem isso nas matérias policiais porque vai dar audiência, mas no que o repórter pode contribuir, nem que seja um pouquinho de cada coisa que ele traz de lá? E eu comemoro sempre o seguinte: eu sei que eu não vou conseguir falar tudo o que eu quero, mas se eu conseguir falar metade do que eu quero, se eu vou ter meia página e não uma, eu prefiro ter meia do que não ter nenhuma. Isso eu comemoro, porque de alguma forma eu contribuí. Censura (*seria*) se eu fosse calado. Em nenhum momento, graças a Deus, eu me senti calado. Porque, inclusive, quando tentaram calar, não foi um meio de comunicação, e outra pessoa é que foi calada, que foi o Zé Maria Filho, e não foi por culpa dos meios de comunicação. Isso foi mais do que censura, não é? (*Melquíades se refere ao assassinato do agricultor e líder comunitário Zé Maria do Tomé, sua fonte exclusiva por cerca de sete anos, que foi assassinado por denunciar os conflitos causados pelo uso de agrotóxicos em Limoeiro do Norte*).

Analu – Melquíades, quando você estava conversando com as meninas na pré-entrevista, você falou que é uma pessoa muito crítica, principalmente em relação aos conflitos sociais. E você citou agora a morte do Zé Maria, que foi uma fonte exclusiva sua durante sete anos, teve uma proximidade muito grande tanto com você quanto com as matérias. Eu queria saber o que você sentiu quando recebeu a notícia da morte do Zé Maria.

Melquíades – Foi bem complicado. Eu estava aqui em Fortaleza, estava voltando (*para Limoeiro*) quando disseram isso. Um amigo ligou e disse: "Acabaram de matar o Zé

Maria". Eu fiquei (*pensando*): "Poxa vida..." Fiquei chocado, surpreso, mas naquele momento me veio tudo o que ele falava, o que ele dizia, que tinha sido ameaçado. Isso veio muito forte. E, claro, assim que eu soube da morte, eu só imaginei que devia ser alguma coisa relacionada ao que ele falava, à questão dos agrotóxicos. Poderia ter sido qualquer coisa, eu não sabia direito quando me disseram da morte dele, até eu saber que foi uma execução. Foram 19 tiros de pistola ponto 40, que é de poder de polícia. Foi uma situação em que o cara atirou à queima-roupa, ele foi derrubado da moto e terminaram de dar os outros tiros com ele no chão e o cara em pé na frente dele, segundo as investigações da polícia. A perícia chegou a essa conclusão.

Minha família ficou preocupada por entender que (*o assassinato*) deve ter sido pelo que ele falava. O Zé Maria era uma fonte exclusiva, mas ele falava nos auditórios, ele estava sempre na Fafidam (*Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos*), que é a unidade da Uece lá em Limoeiro, em alguns eventos em que estava o pessoal de paletó para falar da inauguração de não sei o quê, ele ia lá do jeitão dele, pegava o microfone e dizia: "A gente está bebendo água contaminada!" Houve, sim, censura do Zé Maria, em relação a emissoras de rádio lá em Limoeiro, porque, de fato, não deixavam ele falar. Durante esse tempo todo, nesses sete anos, o Zé Maria era fonte das matérias, ele estava nas matérias. De todos os lugares, dos meios de comunicação, o único em que o Zé Maria de fato teve voz foi no jornal *Diário do Nordeste*, por meio das minhas matérias. E ele se tornou uma fonte ainda mais confiável quando ele chegava para o Procurador do Ministério Público Federal, que tem uma vara federal em Limoeiro, e dizia que os caras (*das empresas*) estavam ampliando as cercas. Ninguém vê, ninguém diz nada, porque as terras são do governo. A cerca está aqui, vamos avançar mais 200 metros. O Ministério Público encaminhou à Justiça Federal um pedido para demarcar todo o território da Chapada do Apodi para ver o que era da União e o que não era. Foi feita essa demarcação, a gente fez matéria sobre isso. Falei com os Procuradores. Eu

Melquíades foi professor particular entre os anos 2000 e 2008. Dos alunos que teve durante esse período, quase todos já estão formados, entre eles, uma arquiteta e uma dentista.



Melquíades tem uma filha de um ano de idade, Maria Lis. Na entrevista fez com Ivna Girão, a jornalista revelou que o amigo é um pai muito dedicado e, agora, o jornalismo tem de dividir a paixão de Melquíades com a pequena.

Com a série “Viúvas do Veneno” Melquíades foi finalista do Prêmio Esso de Jornalismo – o maior do País –, na categoria Ambiental; e do Prêmio Allianz Seguros de Jornalismo, na categoria Sustentabilidade - Mudanças Ambientais.

acho que é um dos nossos instrumentos, na comunicação, essa mobilização, de você estar acompanhando, estar repercutindo o assunto e isso pode ser um instrumento de pressão para a própria Justiça.

Eu estava aguardando a resposta do juiz. Quando eu dei uma matéria dizendo que o Ministério Público encaminhou (*o caso*) à Justiça Federal, de alguma forma ela está sendo cobrada de que ela vai ter de dar uma resposta. Está sendo dito nos meios de comunicação que a Justiça Federal tem de dar uma resposta. Comprovou-se, aí foi feita a demarcação, viram que tinha um monte de coisa errada e tinham várias outras coisas. Estavam pulverizando (*os agrotóxicos*), Zé Maria ia para a pista de pouso, tentava entrar para fotografar fazendo a pulverização perto das casas – porque o Código Florestal foi atualizado agora, que é de 1965, mas ali já dizia que a pulverização pode ser feita a até 500 metros das residências, mas elas eram feitas por cima. E ainda que não fosse, o vento levava. Tinha tudo isso e o Zé Maria ia comprovando as informações.

O Zé Maria passou também a ser fonte para os centros de pesquisa, o pessoal da UFC (*Universidade Federal do Ceará*) mesmo, do Núcleo Tramas (*grupo de pesquisa da Universidade que trabalha com a questão dos agrotóxicos na Chapada do Apodi*), a Raquel Rigotto (*professora coordenadora do Núcleo*). Da mesma forma que eu tive essa investigação com o Zé Maria e encontrei os meus elementos como jornalista, os cientistas fizeram a mesma coisa. A partir do Zé Maria você conseguia elementos para chegar a pessoas tais, fizeram exames nessas pessoas. Foi um outro método de investigação. Teve a apuração jornalística e a outra investigação científica deles, do pessoal da área de saúde. E o que une essas pessoas? O Zé Maria. Você tem os meios de comunicação “pulverizando” essa informação e você tem a ciência querendo dizer que o que ele criticava não era ideologia.

Camila – Melquíades, tendo em vista todos esses riscos que esse tema coloca, você nunca teve medo de assinar os textos?

Melquíades – Sim, tive medo. Mas nunca foi aquele medo de dizer que não vou (*fazer a matéria*). Foi você ir com medo, mas em nenhum momento pensar em não ir. Eu cheguei a ligar para o jornal para dizer: “Só para avisar que eu estou subindo a Chapada do Apodi (*região onde existem os conflitos por agrotóxicos*) e devo voltar, se estiver saindo umas oito da manhã, acho que até meio dia eu estou de volta. É só para avisar”. Sem muito alarde. As pessoas perguntavam para mim, nas ruas, dentro de casa também, a minha família, se eu não tinha medo. Eu sempre tentei

“Ele percebeu que não dava mais para dar um passo atrás. Olha só, o Zé Maria não deu um passo atrás, por que eu tenho que dar?”

relativizar muito esse medo. Eu tinha medo, mas não ia dizer que estava com medo. Foi um medo para eu saber que tinha medo, mas deveria continuar, né? Quando o Zé Maria foi morto, continuei com esse medo, mas esse medo veio com uma inquietação ainda maior, de entender que o Zé Maria foi uma pessoa que estava indignada, como várias. Como eu tinha dito, (*ele*) estava saturado de tudo. Zé Maria chegou a tal nível de indignação pelos problemas que nada mais (*o*) impedia, nem que ele tivesse de morrer por isso. (*Eu fiquei mais inquieto*) de ver muitas histórias, de ver crianças contaminadas, de ver p Zé Maria dizendo isso, de chegar para as instituições, para os órgãos e departamentos relacionados à questão de água e eles dizendo que não podiam fazer nada. Ele foi com tudo.

Joyce – Mas você não pensou em manter o sigilo do nome dele para a própria proteção da fonte, ainda que ele insistisse?

Melquíades – Eu já fazia algumas matérias com o Zé Maria, quando, de repente, ele foi ameaçado de morte e ligou para mim dizendo que tinha sido ameaçado. Eu fiquei muito preocupado e disse assim: “Cara, você tem de denunciar isso à Polícia. Vá para a Polícia, vá dizer e tal. Como foi? Ligaram para o celular? Era um número conhecido? (*Você*) chegou a reconhecer a voz? Leve isso para a Polícia!” A partir daí, eu fiquei preocupado, inclusive, com isso, de que ele estava com documentos, essa coisa de ele levar (*os documentos*) para um canto, para outro. Ele estava sempre colocando a vida em risco. E eu tive uma conversa muito séria com ele, de dizer o seguinte: “Olha, então não vamos colocar seu nome na matéria, tem outras pessoas que podem falar sobre isso, as próprias pessoas que estão vivendo isso contigo”. Eu podia, sim, preservar a identidade, de repente, por uma questão de responsabilidade nossa (*como jornalista*). Eu deixei bem claro para ele isso: “Não vai invalidar a publicação da matéria. Eu sei que é você que está dizendo, o jornal sabe que é você que está dizendo, mas eu não preciso colocar o seu nome”.

O repórter conquistou, ainda, o Prêmio HSBC de Jornalismo na categoria Mídia Nacional, no segmento jornal, e no Grande Prêmio. Depois de receber o troféu, ele foi recepcionado com bastante comemoração na redação do Diário do Nordeste.



Mas ele disse que não, que podia colocar, que colocasse. Ele estava de um jeito que (*dizia*): “Eu quero que saibam que fui eu”. (*Ele estava com*) esse nível de indignação tão grande, que ele percebeu que não dava mais para dar um passo atrás. Olha só, o Zé Maria não deu um passo atrás, por que eu tenho de dar? Por que as pessoas ao redor têm de dar? O Zé Maria deu a cara a tapa e levou, não foi? E nós? Que cara nós podemos dar? Por isso que houve esse medo, mas essa inquietação foi muito mais forte.

O Zé Maria, sim, sempre fazia questão. Ele dizia: “Eu quero que saibam (*que sou eu*)”. Porque se ele fosse só uma fonte, uma fonte, uma fonte, iriam esquecer o nome dele, ele iria ser assassinado, e aí? Quando o Zé Maria foi assassinado, tudo isso estava na berlinda. Ele estava com o nome muito “quente” nas pessoas. E, de alguma forma, isso acabou servindo de pressão para que se investigasse, porque poderia ser só mais uma morte, como eu soube que uma ou outra pessoa que estava no rol de testemunhas do caso do Zé Maria foi assassinada. São pessoas que a gente não sabia o nome, que a gente só soube de um relato policial de que alguém foi encontrado, um cadáver de um agricultor e pronto. (*Como*) uma dessas pessoas que podem estar (*trabalhando*) na agricultura, de repente, teve um infarto, morreu ali e, de repente, vão encontrar. Até fontes dentro da própria polícia dizerem que ele foi torturado, que aquela pessoa tinha algum tipo de vínculo com o Zé Maria. Essa pessoa não era, entre aspas, ninguém. O Zé Maria era uma pessoa (*mais importante nesse sentido*). Eu acho que no que a evidência do nome (*do Zé Maria*) está ajudando é mais no sentido dessa indignação geral e de que a Justiça resolva, ou que, de fato, seja justa, sem querer condenar ninguém antecipadamente, acho que não é a nossa função, nem como ser humano, que dirá como jornalista. Mas ele não queria, enfim... Não dava mais para segurar. Foi uma decisão dele e não minha.

Bárbara – Durante o período de apuração

de material para a série *Viúvas do Veneno*, você teve de entrevistar mulheres que tinham de tocar no próprio sofrimento para que você pudesse narrar a dor delas, já que era uma série que falava de agrotóxicos, porém, de uma forma muito mais humanizada. Eu queria saber como você conquistou a confiança dessas mulheres para que elas pudessem falar desse sofrimento e como você lidou com essa situação de ter de falar da dor delas, porém, mantendo esse “distanciamento” do repórter.

Melquíades – Num dos primeiros diálogos (*com as fontes*), eu tento colocar aquilo que é a minha opinião, aquilo que nós, como jornalistas, nós, como pessoas de meios de comunicação ou que, enfim, fazemos nosso meio, nós podemos, sim, ser instrumentos de mobilização social. Foi isso o que eu falei para elas: “Eu entendo a sua dor, mas eu acho que tem outras pessoas que estão passando por essa dor e nós não conhecemos”. E eu acho que essa dor, que já foi externada, precisa ser só evidenciada. Por achar que alguém vai ler a matéria e vai se indignar ou que alguma providência seja tomada para que outras pessoas não cheguem àquela situação. Isso eu disse para as viúvas. É como você falar com a mãe de um filho que morreu num acidente de trânsito. Ela não vai querer isso *pra* mãe nenhuma! Ela vai querer que, de fato, haja sinalização, as pessoas não bebam na hora de dirigir... O quanto ela puder dizer isso, que isso também é uma forma da indignação saturada, é quando nós, na minha opinião, ficamos indignados com isso tudo. “Ah, eu acho errado a violência, a poluição...”. Sim, mas e aí? O que é que nós podemos fazer? Quando você satura, você vai fazer (*algo*). Eu acho que o Zé Maria fez e as viúvas fizeram, mas fizeram na forma de lembrar – que não é lembrar, porque elas não esqueciam disso, mas na forma de falar dessa dor. É meio que um sentimento de mãe dessas viúvas, porque elas estão preocupadas com que outras mulheres e outras crianças, outros filhos, não sofram esse tipo de dor. A minha ideia foi

O Brasil é, atualmente, o maior consumidor de agrotóxicos do mundo. Esses produtos químicos têm gerado diversos danos ao meio ambiente e à saúde das pessoas que lidam com o “veneno” diariamente.”

Apesar de ter feito grandes reportagens antes, a premiada série *Viúvas do Veneno* foi a primeira que Melquíades inscreveu em prêmios.

Os acertos sobre horário e local da entrevista e a coleta de algumas informações para o material de produção aconteciam sempre na redação do Diário do Nordeste, entre Melquíades e a estudante Bárbara, que é estagiária do jornal.



tentar fazer uma ponte com todos nós e com outras “viúvas do veneno” em potencial. Eu conversei isso com elas.

Teve situações, por exemplo, teve uma (viúva) que (a história) foi muito difícil, porque foi a que teve o momento mais depressivo, porque foi tudo muito rápido para a morte dele (do marido dela). Ele sentiu uma dor e, de repente, em questão de pouquíssimos meses (ele morreu). E ela perdeu de 25 a 30 quilos, não conseguia mais falar sobre isso, o filho perguntava: “Onde é que está meu pai?” (Melquíades se emociona). Ela não sabia o que fazer, o que falar. Ela sofreu muito. Ela sofre até hoje, como todas sofrem, mas era uma situação muito complicada, ela não queria falar dentro de casa, ela não queria falar para o próprio filho. Ela está com aquela dor ainda muito forte, ela não conseguiu administrar essa dor. Foi uma situação muito delicada. Deixando muito claro que tem de existir sempre esse respeito: tudo bem, ela é um personagem interessante do ponto de vista jornalístico, mas, se ela disser que não vai falar, eu posso até tentar convencer, mas, se eu não conseguir convencer, eu tenho de respeitar, porque é onde entra a questão, (que) além do ponto de vista jornalístico, (ela é uma) pessoa. São pessoas. Eu coloquei isso para ela. Inclusive, o caso do marido dela estava na Justiça. Ela percebeu, inclusive, que talvez fosse importante a sociedade entender que a Justiça já foi cobrada. Eu entendi isso como um dos fatores para ajudar nesse contato, e (entram) outras coisas: a forma como a gente se coloca, a forma com que a gente se propõe, que vem muito de nós, vai

A entrevista aconteceu em um espaço aberto do restaurante Dona Chica, na Avenida da Universidade. Bárbara e Camila ficaram com medo que o barulho dos veículos que passavam na rua prejudicasse a gravação do áudio da entrevista.

definir se a entrevista vai continuar ou se essa vivência vai continuar num outro contato. Vai depender muito mais de nós, como pessoa, do que como repórter. Eu tento falar para a pessoa: “Olha, eu acho que esse problema merece que as pessoas saibam disso, porque há outras pessoas que viveram isso que a senhora viveu”. Como, de fato, existiu. Como, de fato, houve identidade de outras pessoas que têm preocupação com seus maridos, que possam estar contaminados com agrotóxicos, como isso também ajudou nesse empurrão da própria Justiça tomar uma decisão como, de fato, tomou. A Justiça tomou uma decisão em (um contexto) que havia tudo, havia provas médicas, tanto do grupo de médicos pesquisadores como do perito médico. Enfim, havia várias comprovações. Estava tudo ali. (Melquíades se refere ao caso de Maria da Conceição, uma das viúvas, que venceu na Justiça um processo contra a empresa onde o marido trabalhava e vai receber indenização). Por provas muito menores as pessoas são julgadas e condenadas neste país, só por indício a pessoa é condenada (rindo), mais do que indiciada. Então, tinha todas essas provas e, ainda assim, estava lá. De alguma forma, impulsionou isso.

Joyce – A dona Branquinha era a esposa do Zé Maria e ela seria uma de suas fontes, visto que ela também ficou viúva, já que o Zé Maria foi assassinado. A matéria dela, no entanto, não foi publicada, né? Como você entende essa não-publicação?

Melquíades – Por ser o nome “viúvas do veneno”, a proposta inicial tinha sido de (falar sobre) as viúvas de maridos que morreram contaminados por agrotóxicos. Dentro do primeiro conceito do que seriam as viúvas, estão todas lá. Independentemente de qualquer coisa, a dona Branquinha foi uma fonte, como o Zé Maria, mas eu sinto a dona Branquinha ali quase como a poesia que voltou para a página do Rio Jaguaribe, como uma satisfação, como um desfecho. Sim,

“Minha grande preocupação é que esse “oba oba” que se fez em torno da (série) Viúvas depois da premiação nunca fosse maior do que aquela indignação”

havia essa questão da colocação da dona Branquinha. Essa matéria, desde a primeira edição, que foi no dia 17 de abril (de 2013), gerou uma repercussão muito grande, tanto do ponto de vista jornalístico, de as pessoas terem visto aquele material, como material jornalístico, como a denúncia em si. E eu entendo que, dentro dessas preocupações (de) que o jornal não é meu, mas enfim, a gente tem de ter esse cuidado, houve para mim essa ideia de que, olha, vamos colocar as viúvas de maridos que morreram contaminados por agrotóxicos. O Zé Maria foi uma fonte, de certa forma a Branquinha é uma viúva dentro desse contexto, uma viúva do veneno, mas eu acho que, quando houve essa decisão por a gente deixar (somente) essas viúvas (de maridos que faleceram contaminados por agrotóxicos), que eu parei num segundo momento, eu percebi que... Eu acho que consegui dar o recado, consegui colocar as viúvas ali e a dona Branquinha não estaria esquecida porque o marido foi a fonte e, sei lá, os centros de pesquisa, todo mundo entende dessa forma.



Outra coisa importante: a dona Branquinha sempre teve muito medo, antes, durante e depois. Isso foi muito delicado pra mim. Ela nunca quis se envolver nas histórias do Zé Maria, nas questões, nos contatos. Eu a via porque eu ia à casa do Zé Maria, via e tal, e tinha esse contato, mas ela não queria (se envolver). Era uma luta dele, (mas) dela também, de certa forma, ela assumiu essa luta. Mas sempre foi muito retraída nesse sentido. O que eu tenho a dizer – e eu sei que gerou uma repercussão porque se viu a foto da dona Branquinha e (pensaram): “Ah, mas ela não está (na reportagem)” – (é que) na minha opinião, foi chato? Foi, inclusive, foi chato, mas eu tentei transformar isso, também, no seguinte: não foi censura, eu não vejo dessa forma. Eu acho que deu para dar esse recado, ali, a partir dessas viúvas que ficaram. E (ênfatizando) uma outra questão: no que eu tenho de contato, das informações do Zé Maria, tem muitas informações que estão sob segredo de Justiça. Se estão sob segredo de Justiça, eu não posso dizer. Eu sei, eu tive acesso, mas quem sou eu também para, de repente, divulgar, publicar uma coisa

que a Justiça está dizendo que é para ser sob segredo de Justiça?

Eu diria que isso também embasou o conteúdo do que eu tinha e tenho sobre o Zé Maria. O que eu quero dizer é (que) apesar de um certo alarde que se criou, (de dizer): “Cadê a história?” Porque há pressão, há uma série de coisas, volta o lance lá das páginas... Eu prefiro ter, se não uma página, ter meia (página) do que nenhuma. E eu prefiro comemorar isso, como eu prefiro comemorar, sabe, a evidência das viúvas, não o prêmio e o dinheiro. De que lado eu estou? Eu acho que as pessoas dos movimentos que, inclusive, de alguma forma se aproximaram de mim nesse sentido, não só (para) parabenizar, mas por ajudar na força, por haver uma pressão depois da publicação, eu acho que num outro momento elas entenderam isso, como esse cuidado. E, ao mesmo tempo, eu acho que isso me alimentou. Toda história que não foi contada depois, eu vejo como um alimento que é desperdiçado, porque a gente vive de, enfim... As nossas histórias, como a comida, nos alimentam. Um alimenta o corpo, o

outro alimenta a alma. Mas eu não sou de desperdiçar comida e eu vou continuar não desperdiçando (sorrindo).

Camila – Esse seu trabalho das Viúvas do Veneno teve bastante repercussão, tanto jornalisticamente, de você ter ganhado prêmios, quanto essa questão da vitória na Justiça. E com esse prêmio do HSBC que você ganhou, você disse que iria doar o prêmio para as viúvas. Qual é a sua intenção ao fazer isso?

Melquíades – Não vejo como altruísmo, eu vejo como uma obrigação. Porque, olha só: você foi evidenciado, você foi premiado, inclusive, em dinheiro, por contar a dor do outro, por narrar a dor do outro. A minha grande preocupação é que esse “oba oba” que se fez em torno da (série) Viúvas depois da premiação nunca fosse maior do que aquela inquietação, do que aquela indignação, que começou quando eu comecei a fazer e encontrar essas pessoas, e seguiu na primeira repercussão, que foi aquela repercussão das pessoas (perceberem): “Poxa, está havendo esse problema!” e tudo... Essa é a minha grande preocupação. Eu sempre digo às

Quando respondia à pergunta a respeito do medo de assinar os textos sobre os agrotóxicos, Melquíades disse que sentiu medo de verdade somente quando foi fazer uma matéria policial.

A matéria era sobre o caso de dois irmãos que mataram e esquartejaram um homem e o transportaram de Fortaleza até o município de Tabuleiro do Norte dentro de uma caixa de computador.

Entre os projetos futuros de Melquíades, está o lançamento do livro-reportagem sobre as viúvas da premiada série, com uma abordagem mais aprofundada, inclusive, contemplando a história de Zé Maria e dona Branquinha.

“O sertão é universal, (também) há um rio universal. E eu me sinto menino desse rio (...) Por isso, me identificar com essas pessoas é me fazer estar lá”

peças: “Obrigado, massa, obrigado pelo reconhecimento, pelo prêmio, mas se lembre que a gente está falando de uma dor”. *Pô*, é um prêmio, as *Viúvas do Veneno*, (mas) estamos falando de um problema. *Pra* mim, isso me incomodou, muito (*por*) entender (*que*), *poxa*, eu estou aqui fazendo a pessoa lembrar (*a sua dor*), falar dessa dor. Eu me senti meio que usando essa pessoa e isso me fez muito mal, me faz sentir mal. Você volta (*refletindo*), sabe? Isso me incomoda. Eu tento transformar, inclusive, isso. (*Eu penso*) no que eu vou fazer, escrever, ver o que eu consigo gerar a partir daí. Não foi só porque elas são miseráveis, não foi só porque elas precisam de dinheiro, por exemplo, a dona Conceição (*uma das viúvas, personagem da série*) é uma que faz bicos, lavando, varrendo a casa dos outros, numa situação em que (*ela*) continua só e (*é*) bem complicado. É como que uma satisfação. Não é o dinheiro em si.

Camila – Depois de a gente ter se debruçado profundamente sobre todas as suas produções, a gente queria refletir um pouco sobre o papel do Jornalismo nisso tudo. Você tem esse envolvimento com pautas que tratam de questões sociais muito fortes, como também os conflitos ambientais, e todas as suas produções acabam trazendo impactos, como essa questão de ter estimulado pesquisas e a questão da vitória na Justiça de uma das viúvas. O que eu queria saber é em relação a esse seu desejo de transformação social por meio do Jornalismo. Refletindo sobre o cotidiano e a dinâmica do nosso fazer jornalístico, como a gente pode inserir esse objetivo da transformação social na nossa atividade, cotidianamente?

Melquíades – Eu acho que a gente só consegue fazer isso se a gente se transformar primeiro. Tem de haver essa transformação. Eu acho que essa transformação não necessariamente se dá quando você perde

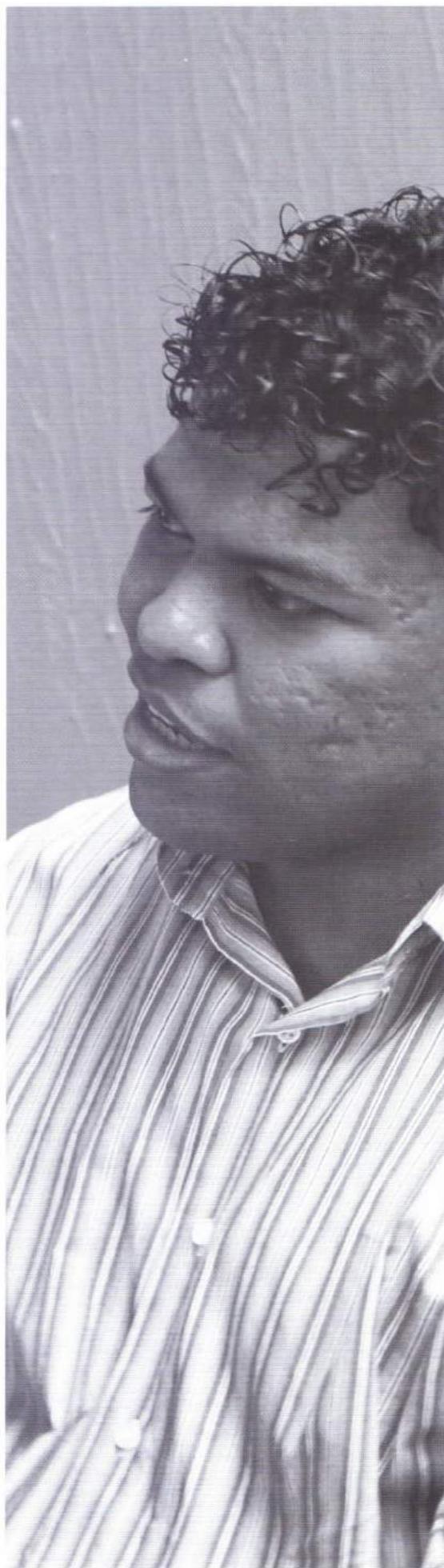
um parente ou quando acontece algo. Isso pode ser um catalisador para alguma transformação, mas, sei lá, (*eu sugiro*) que a gente crie e construa essa predisposição para a transformação. Na minha opinião, é esse sentimento de igualdade, de você se ver no outro. Quando a gente tenta chegar a isso, pode haver uma transformação. No Jornalismo, eu acho que isso é o mais importante, porque eu acho que, se a gente tiver essa transformação e se a gente se ver no outro, a gente passa a ter mais cuidado com o outro. Se a gente passa a ter mais cuidado, passa a ter mais respeito, esse respeito vai ser colocado no trabalho que a gente for fazer. Isso vale para qualquer tipo de pauta, qualquer tipo de matéria. Eu acho que isso é o transformador. A gente só vai, como jornalistas, transformar o Jornalismo, se transformar o homem. O homem dentro de nós, para que, depois do Jornalismo, a gente tente ajudar com que outras pessoas também se transformem.

Uma coisa muito importante: eu não quero ver nada como heroísmo. “Ah, você foi lá, fez o relato e tudo”. Porque tratar esse tipo de atividade que a gente faz como heroísmo seria o mesmo que dar mais evidência à (*série*) *Viúvas (do Veneno)* ter ganhado um prêmio nacional do que o problema das viúvas, do que o problema da contaminação de agrotóxicos. É isso que a gente tem de prezar muito. Na minha opinião, estamos fazendo nosso trabalho. Se houver essa tentativa de olhar o outro melhor, eu acho que a gente olha o outro melhor quanto mais a gente convive com o outro. O outro não são só as pessoas de casa, é o outro do outro lado da rua, do outro lado do rio, do outro lado da cidade. Porque a gente vê outras realidades, e eu acho que, em alguma dessas realidades, a gente está lá, a gente pode se encontrar. Não importa se você nasceu e se criou na área nobre de Fortaleza, no melhor condomínio do prédio e, de repente, você vai para o extremo da cidade, completamente diferente, mas acho que você pode estar lá também. Porque, no final das contas, somos todos humanos, estamos todos sujeitos aos mesmos defeitos, aos mesmos erros, todos temos o mesmo potencial. Isso é que é transformador pro Jornalismo.

Isso do sentimento da ciência social, não é que a faculdade de Jornalismo não consiga preparar nesse sentido, talvez ela não consiga preparar porque precise inserir um pouco mais isso, a formação social dentro do curso, para que o cara não saiba só o que é a parte técnica, de *lead* e não sei o quê, e só vai entender o mundo quando disser “eu vou para o mercado de trabalho”. Aí você vê o encontro com o outro como uma necessidade, porque

Depois da entrevista, Melquíades enviou uma mensagem para Bárbara com alguns links de textos dele publicados no site Observatório da Imprensa, dos quais, segundo ele, a conversa com a turma o tinha feito lembrar.

você está no mercado de trabalho, então você vai encontrar o outro por uma necessidade e não por um desejo. Em qualquer profissão, em qualquer faculdade, do que a gente tiver... Se a gente puder ter essa formação social na grade curricular, isso vai ajudar, vai depender muito da gente. E, sim, sabe, *(é)* o grupo, a equipe dizer "olha, vamos procurar outras pessoas, vamos para outros lugares". Eu cheguei nas Ciências Sociais e, de repente, fui pra comunidade dos *(índios)* Tremembé de Almofala, *(foi)* meu primeiro contato, praticamente. Não foi *(para fazer)* matéria lá. Que massa que eu tive aquele contato, então vamos aproximar esses contatos, para que não seja só na faculdade, ou depois da faculdade, que você teve uma pauta para ir fazer e você se chocou com a realidade que você não conhece e, às vezes, o seu deslumbramento pode reforçar o seu preconceito ou o seu próprio desconhecimento diante daquilo. De repente, chegar numa aldeia indígena e dizer: "Cadê os índios?" Porque eles não estão seminus, nus ou de cocar, quando a questão é outra. Eu acho que isso a gente pode inserir em qualquer formação, e a partir daí... O melhor Jornalismo vai ser consequência de melhores pessoas e, de alguma forma, esse melhor Jornalismo vai possibilitar que outras pessoas possam se tornar melhores.



A mensagem dizia: "Textos de quase dez anos atrás, ainda no início de um processo de maturação de crítica e de escrita... Processo que, pensando bem, espero nunca finde...".

Os títulos dos textos eram "Como a mídia contempla a miséria" e "As causas que a mídia não contempla", publicados no Observatório da Imprensa, respectivamente, em 2004 e 2005.